

859

F

859
F

CONJUNTO UNIVERSITARIO CANDUBO
CENTRO DE ESTUDIOS AFRICANOS
MONTES

CENTRO DE ESTUDIOS AFRICANOS - ASIATICOS

**3º CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALDAA
RIO DE JANEIRO - AGOSTO DE 1983**

ANTONIO CARLOS ROCHA

por

LUANDA - 20 ANOS DEPOIS

228

20079

LUANDA - 20 ANOS DEPOIS

Meus Amigos:

Sob o tema proposto "A literatura como instrumento da afirmação nacional", eu gostaria de abordar a questão da literatura angolana e dentro deste prisma destacar um pequeno livro que este ano completa 20 anos de existência.

Antes porém, quero frisar um ponto, só na pouco tempo e que a literatura angolana passou a ser divulgada entre nós de forma mais consistentes, antes além das notícias serem ocasionais só eram conhecidos poucos títulos, tais como o de Castro Soromenho, A Chaga, Civilização Brasileira, 1970.

"... por isso mesmo - diz Maria Lúcia Dal Farra - não tem no Brasil uma tradição crítica. No entanto, se essa situação pode beneficiar a sua divulgação no nosso país, ela não está livre de ser assimilada por duas atitudes bastante discutíveis: a sua inserção na esfera do exótico ou do folclórico e a sua redução a objeto de um olhar complacente e, o que é pior, paternalista. (1)

O alerta se faz importante na medida em que se verificam duas tendências básicas quanto a este aspecto, ou se superestima as ditas literatura vende-a como "engajada", atuante, participativa ou se subestima, justamente, por tais motivos. No entanto é preciso ver que engajada ou não a literatura angolana deve ser entendida como tal, ou seja, estudada e pensada em seu contexto sócio-polí-

tico-econômico-cultural, não esquecendo, clare, o fator estético presente em cada texto.

- oOo -

A língua portuguesa chega em Angola por ocasião dos descobrimentos. Partindo do ciclo áureo da navegação e visando o caminho para as Índias, eis que se estabelece em feitorias.

Com o comércio das especiarias, a coroa portuguesa percebe a importância estratégica e econômica de tal posição, consolida o seu império na exportação do braço africano. Findo esse tempo a colonização continua sob a forma de exploração do solo e da força de trabalho humano.

Com o surgimento e desenvolvimento do capitalismo, o governo português passa a usufruir dos bens desses povos. Contingências internacionais fizeram e ainda fazem com que a opressão, no continente africano, seja uma constante e desse modo as colônias sofriam a dominação a que estão sujeitos os povos colonizados.

Para exemplificar bem essa dominação vejamos as palavras do próprio Salazar em junho de 1933, na primeira conferência de governantes coloniais, realizada em Lisboa:

"... Devemos organizar cada vez mais eficazmente e melhor a proteção às raças inferiores cujo acolhimento na nossa civilização cristã constitui uma das concepções mais corajosas e mais altas da colonização portuguesa" (2)

Não fica muito longe o sucessor de Salazar, Marcelo Caetano, quando afirmava que "... os negros em África devem ser dirigidos e rodeados por europeus mas são indispensáveis como ajudantes." (3)

Comentando esta última declaração disse Mário de Andrade:

"Este raciocínio é baseado numa argumentação, segundo a qual, os africanos sozinhos não teriam conseguido valorizar os territórios que habitam desde há milênios, não se lhes deve nenhuma invenção ou descoberta técnica marcante para a evolução da Humanidade nos domínios da cultura e da técnica europeia e mesmo asiática" (4)

Quem exprimiu em versos esta visão foi Aimé Césaire:

Os que não inventaram a pólvora ou a bússola
Os que nunca souberam domesticar o vapor ou
a eletricidade

os que não exploraram os mares ou o céu
mas sem os quais a terra não seria a terra
Eia! pelos que nunca inventaram nada.

Mas que sabem se entregar, apanhados pelo
movimento das coisas

despreocupados em domesticar as coisas mas
jogando o jogo do mundo

carne da carne do mundo palpitando no interior
do próprio movimento do mundo. (5)

Esta situação de colonialismo perdura até 4 de fevereiro de 1961, quando tem início a guerra colonial. A partir desta data, a colonização começa a contagem regressiva.

Há um pequeno livro de contos Dizanga dia Muenhu, de Boaventura Cardoso, que em língua kimbundo quer dizer A lagoa da vida que espelha bem o início da guerra. O conto "Nostempo de Miúdo", fala de uma partida de futebol, a meninada driblava e se divertia ao entardecer, aproximava-se o toque de recolher, eram

18 horas, na brincadeira esquecem e continuam o jogo:

"Jogávamos esquecidos de tudo, até dos exames que estavam vizinhos. Traquinice nos tempos de miúdo. Paramos e olhamos..."(6)

Com a aproximação dos soldados eles põem-se a correr para local melhor:

"Que que foi, meninos? - Tia Cristina pegou suto. A resposta ninguém que dava. Nem já só para falar. Nada. Cada um na busca de lugar seguro. Ouvimos então as vozes e os passos soldadescos. Aí o coração que se ia lixando. No entendimento da nossa aflição, Tia Cristina lhes esperou mesmo lá fora. Aqui? Não, senhor, não vi meninos entrar" (7)

E mais adiante ele completa:

"Já nos tinham avisado. Seis horas recolher. Patrulha atirar só. Sessenta e um quente. Cuidado! Pimentel barbudo sanguinário, olhos na mira fúnebre. Sô Rocha nacionalista fogado já lhe mataram então. Cuidado! Seis horas recolher. Patrulha atirar só. Sessenta e um quente." (8)

E no decorrer do texto o autor vai analisando as sentinelas que encontra no caminho, uns tinham "coração bom" e apenas admoestavam as crianças, outros faziam cara feia e apontavam o cano da arma.

"Sessenta e um quente" era o aviso que corria de boca em boca.

Esse processo de libertação durou até 1974, culmina com o 25 de abril em Portugal. Digamos de passagem que o MFA - Movimento das Forças Armadas surge na África quando os militares percebem

que estão numa guerra inútil, dando a vida e tirando a vida por uma causa que não era sua, numa terra estranha e bem longe de sua pátria, por isso diz-se que os africanos não só se libertaram do colonialismo como também libertaram o povo português do fascismo que imperava há quase 50 anos, 48 para ser exato.

A este respeito o Chefe do Estado-Maior português, general Costa Gomes, na época, afirmava que "As nossas forças armadas chegaram aos limites da exaustão neuropsicológica".(9)

O presente estudo não pretende fazer a apologia da luta armada, como se pode pensar inadvertidamente; partindo do fato histórico em Angola e o seu envolvimento literário, queremos pesquisar a literatura em sua essência, o fato estético partindo do real e o porque dele.

É bom lembrar aqui as palavras do historiador inglês Basil Davidson em seu livro "A política da luta armada":

"Nos últimos anos tem-se escrito muito a respeito da guerra de guerrilhas; e esse muito inclui, infelizmente, muita asneira. Houve até ocasiões em que se chegou a apresentar, a uma audiência simultaneamente vasta e internacional, uma imagem sinistramente romantizada do "homem com uma arma" que, só por ter uma arma, ofereceria "todas as soluções"... (10)

Concordando com este raciocínio está Mário de Andrade, presidente do MPLA de 1960 a 1962, hoje radicado em Guiné-Bissau:

"Não somos dos que consideram como absoluto, como sésamo mágico, o poder das armas.

Não defendemos que a solução das contradições, principais ou secundárias, de uma dada sociedade resida unicamente no recurso à guerra do povo". (11)

E já que falamos no romantismo do "homem com uma arma", vamos falar do romantismo do homem com uma pena.

Podemos situar o aparecimento da literatura angolana por volta de um século. Antes, é necessário um registro: desbaratada a Inconfidência Mineira, alguns "conspiradores" foram exilados em África e alguns desses eram escritores, poetas ou jornalistas e lá não só prosseguiram com a atividade literária como influenciaram os escritores nativos. Ou seja, a presença do Brasil em terras angolanas é antiga, o mesmo fenômeno de influência ocorreu por volta do regionalismo.

Mas, voltemos ao romantismo. Em 1849 é publicado em Luanda o primeiro livro editado em toda a África portuguesa, trata-se da coletânea de poesias Espontañidades da minha alma que tem como subtítulo "Às senhoras africanas", na verdade uma dedicatória; o autor é o até então desconhecido José da Silva Maia Ferreira, natural da Benguela, o crítico literário norte-americano Gerald Moser comenta:

"Realmente, causa espanto pensar que ambiente tão tosco tenha produzido um poeta maviioso que, se não brilhou pelo engenho ou pela originalidade, tomou a iniciativa de publicar um livro sem utilidade mercantil, proclamando-se poeta africano numa região que só passando mais de um século veria surgir bons

escritores".(12)

O curioso é que alguns desses poemas foram escritos aqui no Rio, onde o autor esteve de julho de 1848 a abril de 1849. Nos poemas ele fala das várias amizades que fez, das ligações amorosas que manteve, da baía de Guanabara, da floresta da Tijuca. Nota-se a influência da poesia romântica brasileira. Em algumas partes ele se sente inferior, um leal súdito da coroa portuguesa e afirma que em sua terra natal não havia praticamente nada comparando com a beleza de Portugal, onde também esteve. Não há em seus versos nenhuma conotação social, nem ao menos contra o tráfico de escravos, ainda não tem consciência de sua condição. Mas não vamos exigir muito deste vate angolano.

"O livro - continua Moser - marcou uma época: constitui não somente a primeira obra da incipiente literatura angolana, mas pareceu no momento preciso em que se afrouxaram definitivamente os antigos laços entre Angola e o Brasil"(13)

Vejamos alguns exemplos desse precursor, que assumiu a africanidade abrindo o caminho para a literatura angolana contemporânea:

... Nada tem minha terra natal
 Que extasie e revele primor
 Nada tem, a não ser dos desertos
 a soidão que é tão grata ao cantor.

... Também invejo o Brasil
 Sobre as águas a brilhar
 Nesses campos mil a mil
 Nesses montes d'além-mar.
 Invejo a formosura

Desses prados de verdura,
 Inspirando com doçura
 O Poeta a descansar.

... E tu, Poeta bem fadado
 Que na gentil Guanabara,
 À tua pátria tão cara
 Tantos cantos tens cantado,
 Também recebe o meu canto
 De amargor e de pranto,
 Sem belezas, sem encanto,
 Por minha alma a ti votado. (14)

Se 1849 é o marco inicial da literatura angolana, 1963 é marco da moderna literatura angolana.

O livro foi escrito em 1963 e publicado em 1964, edição ABC, Luanda. Em 1965 circulou em Lisboa uma edição ilegal dando a entender que a mesma tinha sido feita em Belo Horizonte, Minas Gerais, o que não era verdade, tentava-se assim burlar a censura salazarista, os exemplares circulavam de mão em mão.

A partir daí, a obra foi traduzida nesta ordem: russo, alemão(as duas Alemanhas), checoslovaco, sueco, dinamarquês, francês e inglês.

Outras obras suas como: A cidade e a Infância; A vida verdadeira de Domingos Xavier; Vidas Novas; Velhas estórias; No Antigamente, na Vida; Nós, os do Makuluseu, Macanduba; João Vencio: os seus amores; Lourentinho, Dona Antónia de Souza Neto & Eu, conhecem o mundo, estão editadas em várias línguas.

Atualmente, além de escritor consagrado é Diretor de Programas da Televisão Popular de Angola, Diretor do Instituto Angolano de Cinema e Secretário Geral da União dos Escritores Angolanos.

É claro que estamos falando de José Luandino Vieira Mateus da Graça, nascido em Lagoa do Furadouro, Portugal e com um ano de idade foi para Angola, seu pai era sapateiro. Literariamente ele adotou os três primeiros nomes - José Luandino Vieira.

Suas atividades literárias o levaram várias vezes à prisão, tanto que LUUANDA foi escrito no pavilhão prisional da PIDE, a polícia política portuguesa, há 20 anos. ~~estou~~.

O escritor angolano Carlos Ervedosa nos fala:

"Todos os dias a Linda levava ao marido as refeições, num saco de fundo duplo. Por ele iam e vinham os bilhetes com as recomendações e as saudades. Com ele saíram as páginas manuscritas de Vidas Novas e de Luuanda, que haveriam de conquistar, o primeiro, o prêmio de conto da Casa dos Estudantes do Império, e o segundo o prêmio Motta Veiga, nesse tempo o mais alto galardão literário de Angola".(15)

Luuanda começa com a citação de um provérbio em kimbundo: "Mu'xi ietu iá Luuanda mubita ima ikuata sonii" ou seja, "Na nossa terra de Luanda passam-se coisas vergonhosas"; constitui-se de três contos: Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos, Estória do Ladrão e do papagaio, Estória da galinha e do ovo.

O primeiro trata de um jovem às vultas com o desemprego, com a fome e a sobrevivência num musseque, espécie de ravela ou baix

ro pobre ua capital angolana:

"... E no fim já, quando Zeca tremia de frio com aquele ar de escritório e o vazio da barriga a morder-lhe, a voz de todos a rugir, longe, cada vez mais longe, o homem parou na frente dele para perguntar, olhando a camisa, as calças estreitas, com seus olhos maus, desconfiados:

- Uuve lá, pá, onde é que nasceste?
- Nasceu onde? - repetiu o contínuo
- Catete, patrão!

O homem então assobiou, parecia satisfeito, bateu na mesa enquanto tirava os óculos, mostrando os olhos pequenos, cansados.

- De Catete, nem?! Icolibengo?... Calcinhas e ladrões mangonheiros!... E agora por cima, terroristas!... Põe-te lá fora, filho dum cão! Rua, filho da mãe, não quero cá catetes!..." (1b)

Esclareça-se que Icolibengo é o natural de Icolo e Bengo, região próxima à capital, onde teve início a luta armada, daí a alusão a "terroristas"; "calcinhas" é um tom depreciativo para aquele que se veste à europeia e "mangonheiro" é o sujeito vadio, preguiçoso.

No decorrer da narrativa o personagem Zeca Santos vai provando os dissabores de sua condição social e amargando a fome.

Em entrevista a Michel Laban, Luandino afirmou que:

"Yavó Xíxi é um personagem verdadeiro. Chamava-se Vitória... digamos que era uma senhora burguesa de uma elite burguesa nacional. E o processo histórico fez com que ela progressivamente fosse destruída, se fosse proletarizando e, claro, até chegar àquela situação que é verdadeira, de depender, para matar a fome durante a semana, de uma refeição que um neto jovem, perdido numa cidade moderna como Luanda tinha que angariar de qualquer maneira, inclusive deitando mão daquilo que a lei chamava delinquência, criminalidade".(17)

Aparentemente não há novidade no relato se comparado, por exemplo, com outras obras em línguas diferentes, como é o caso de "Os Miseráveis" de Victor Hugo, ou para não ir muito longe, os nossos regionalistas. Ocorre que a originalidade do trabalho está no espaço africano de língua portuguesa, a elaboração da escrita.

No segundo conto temos um deficiente físico apaixonado por uma bela moça sendo alvo do ridículo não apenas pela "amada" como pelo papagaio desta. Num ímpeto de vingança, sequestra a ave no intento de aniquilá-la, mas acaba preso. Paralelamente a sua história, outra se desenrola, a de amigos seus envolvidos em um roubo de galinha. Passo a passo com o texto está a construção de uma trama perfeita com o auxílio da metalinguagem.

O terceiro e último conto nos fala de uma confusão no museu que por causa de uma galinha e um ovo, duas mulheres disputavam a

posse de um único ovo, outras mulheres interferem e a discussão se generaliza. Mas o que está por trás dessa "irrisória" discussão é a vida, o dia-a-dia na localidade, é o registro na linguagem e no tempo e as implicações com o caminho para a independência que começava a ser trilhado.

A crítica portuguesa saudou o aparecimento da obra como

"Três obras primas do conto contemporâneo - a enorme e imprevista revelação de um escritor de sensibilidade excepcional e de notável capacidade de criação de um estilo: o estilo que resulta da sábia fusão de regionalismos e latinismos (da mesma forma que Guimarães Rosa), o estilo que deriva de mesma linguagem onde as tropelias fonéticas, sintáticas e semânticas sofridas pelo português em contato com os linguajaros tradicionais autóctones são apropriadas de maneira superior para a obtenção de uma escrita que, durante a "leitura, me foi, quase sempre, motivo de admirada e deleitada surpresa.(18)

Este foi Alexandre Pinheiro Torres, o primeiro a, publicamente, chamar atenção para o livro de Luandino em Lisboa.

Em maio de 1965 a Sociedade Portuguesa de Escritores outorgou ao escritor o "Grande Prêmio de Novelistica". O governo considerou uma afronta o prêmio e dissolveu a entidade, prendeu o júri e destruiu a sede, os setores mais reacionários afirmavam que a obra envergonhava a língua portuguesa e o autor não passava de um farsante terrorista.

Num Congresso que se reveste de importancia era esta a mensagem que eu queria registrar - os 20 anos de um livro que marca a literatura angolana e talvez, arriscando, a literatura africana de língua portuguesa.

Os 20 anos são, na verdade, o reconhecimento do público e da crítica, o que demonstra o vigor da obra de um autor cujo único crime foi defender através da literatura a independência de seu país, contribuindo assim para a formação de uma consciência nacional.

Luandino foi condenado a 14 anos de prisão, dos quais cumpriu 11. Durante anos esteve no campo de concentração do Tarrafal que o governo salazarista mantinha na Ilha de Cabo Verde, ironicamente batizado de Chão Bom. Escritores e intelectuais de várias partes do mundo, solicitavam do governo português sua liberdade, até que é transferido para Lisboa, onde fica em liberdade vigiada.

Apesar da reconhecida influência dos regionalistas brasileiros ele não copiou ninguém, viu em Guimarães Rosa a confirmação do que já desconfiava, a ampla liberdade do fazer literário, em Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, a preocupação com o social, com a terra, com o nacional.

Mas até hoje, dois são seus autores de cabeceira, um o inglês Shakespeare, que faz questão de ler no original, não por esnobismo mas por necessidade literária e o outro, trata-se de um autor coletivo - A Bíblia. Sim, exatamente, A Bíblia Sagrada.

NOTAS

- 1) Estudos Portugueses e Africanos, nº 1, março de 1983 - p. 9
Unicamp, São Paulo.
- 2) Citado por Mário de Andrade in A guerra em Angola, p. 28
Sá da Costa, Lisboa, 1975.
- 3) Idem, p. 36.
- 4) Idem, p. 37
- 5) conforme citação de Gerard Chaliand in A luta pela África, p. 49
Brasiliense, São Paulo.
- 6) Dizenga dia Muanhu, de Boaventura Cardoso, p. 27 - nº 16 da
coleção autores africanos. Ática, São Paulo.
- 7) idem, p. 28
- 8) idem, p. 29
- 9) Anotado por Basil Davidson in A política da luta armada - Li-
bertação nacional nas colônias africanas de Portugal, editori-
al Caminho, Lisboa, p. 11
- 10) Idem, p. 9
- 11) Mário de Andrade in A guerra do povo na Guiné-Bissau, coleção
Cadernos Livres, nº 1, Sá da Costa, Lisboa, 1975.
- 12) Gerald Moser na introdução de Esportaneidades da minha alma,
p. XIV, Edições 70, Lisboa, 1980, 2a. edição
- 13) Idem, p. XVI
- 14) Idem, páginas: 17, 18 e 19

- 15) LUANDINO - José Luandino Vieira e a sua obra - coleção signos nº 32, p. 89, edições 70, Lisboa, 1980.
- 16) Edição brasileira de Luanda, de José Luandino Vieira, coleção autores africanos, nº 10, Ática, São Paulo.
- 17) LUANDINO - idem ao nº 15, p. 24.
- 18) LUANDINO - idem ao nº 15, p. 109.

CONSERVADORIA GERAL DO ARQUIVO NACIONAL
CERTEZA E FIDELIDADE
Rua Ferreira Borges, 10 - Centro de Lapa - São Paulo

BIBLIOGRAFIA

- 1) CARDOSO, Boaventura. Dizanga dia muenhu. Ática, São Paulo, 1982.
- 2) CHALIAND, Gerard. A luta pela África. Brasiliense, São Paulo, 1982.
- 3) COSME, Leonel. Cultura e revolução em Angola. Afrontamento, Porto, 1978.
- 4) ANDRADE, Mário de. A guerra do povo na Guiné-Bissau. Cadernoa Livres nº 1, Sá da Costa, Lisboa, 1975.
- 5) ANDRADE, Mario de & OLLIVIER, Marc. A guerra em Angola. Seara Nova, Lisboa, 1974.
- 6) DAL FARRA, Maria Lucia. Quas ou mais palavras de apresentação in Estudos Portugueses e Africanos, nº 1. Unicamp. Campinas, 1983.
- 7) DAVIDSON, Basil. A política da luta armada. Caminho. Lisboa, 1979.
- 8) FERREIRA, José da Silva Maia. Espontaneidades da minha alma - As senhoras africanas. Edições 70, Lisboa, 2a. ed., 1980.
- 9) FERREIRA, Manuel. Literaturas africanas de expressão portuguesa. vols. 1 e 2, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura Portuguesa, Lisboa, 1977.
- 10) HAMILTON, Russel G. Literatura africana, literatura necessária. I - Angola. Edições 70, Lisboa, 1981.
- 11) VIEIRA, José Luandino. Luanda. Ática, São Paulo, 1982.
- 12) LUANDINO. José Luandino Vieira e a sua obra. Coleção Signos nº 32, estudos, testemunhos, entrevistas. Edições 70, Lisboa 1980. Vários autores.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
 CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO
 BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS
 Av. Pasteur, 461 - Maracanã - Rio de Janeiro - RJ